

Bilionários por acaso

A criação do Facebook, uma história de sexo,
dinheiro, genialidade e traição

BEN MEZRICH

TRADUÇÃO DE ALEXANDRE MATIAS



Copyright © 2009 Ben Mezrich
Tradução publicada mediante acordo com Doubleday, uma editora de Knopf Doubleday Publishing Group, uma divisão de Random House, Inc.

TÍTULO ORIGINAL

The Accidental Billionaires: The Founding of Facebook – A Tale of Sex, Money, Genius and Betrayal

PREPARAÇÃO

Ana Julia Cury

REVISÃO

Julio Ludemir
Rodrigo Rosa

ADAPTAÇÃO DO PROJETO GRÁFICO

Editoriarte

DIAGRAMAÇÃO

ô de casa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M563b

Mezrich, Ben

Bilionários por acaso: A criação do Facebook, uma história de sexo, dinheiro, genialidade e traição / Ben Mezrich ; tradução Alexandre Matias. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2010.

232p.

Tradução de: The Accidental Billionaires : The Founding of Facebook – A Tale of Sex, Money, Genius and Betrayal
ISBN 978-85-98078-94-6

1. Zuckerberg, Mark, 1984-. 2. Saverin, Eduardo.
3. Facebook (Firma). 4. Facebook (Recurso eletrônico).
5. Webmasters - Estados Unidos - Biografia. 6. Estudantes universitários - Estados Unidos - Biografia. 7. Empresários - Estados Unidos - Biografia. 8. Redes sociais on-line. I. Título.

10-3316.

CDD: 006.754

CDU: 004.773

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

**PARA TONYA,
ESSA GAROTA DOS SONHOS DE UM GEEK...**

NOTA DO AUTOR

Bilionários por acaso é uma narrativa dramática baseada em dúzias de entrevistas, centenas de fontes e milhares de páginas de documentos, incluindo registros de algumas ações judiciais.

Há opiniões diferentes — e quase sempre contraditórias — sobre alguns dos eventos narrados. Tentar recriar uma cena a partir da lembrança de dúzias de fontes — algumas, testemunhas diretas; outras, indiretas — pode, com frequência, levar a discrepâncias. Recriei as cenas deste livro com base em informações que descobri em documentos e entrevistas, e em meu melhor julgamento sobre qual versão mais se aproximava dos registros documentados. Outras cenas foram escritas de forma a apresentar percepções individuais, sem endossá-las.

Tentei manter a cronologia o mais próximo possível da realidade. Em alguns exemplos, descrições e detalhes do ambiente foram modificados ou imaginados, e informações específicas que pudessem identificar algumas pessoas foram alteradas para manter sua privacidade. Com exceção das personalidades públicas que povoam esta história, nomes e descrições pessoais dos envolvidos foram alterados.

Utilizo, de fato, a técnica de recriar diálogos. Baseei tais diálogos nas memórias dos envolvidos sobre o teor destas conversas. Alguns dos diálogos recontados neste livro ocorreram durante longos

períodos e em várias localidades; por isso, algumas dessas conversas e cenas foram recriadas e resumidas. Em vez de esticar essas conversações, às vezes as mantive em cenários prováveis.

Farei dedicatórias às minhas fontes nos agradecimentos deste livro, mas aqui devo reconhecer em particular a ajuda de Will McMullen por ter me apresentado a Eduardo Saverin, sem o qual esta história não poderia ter sido escrita. Mark Zuckerberg, em todo o seu direito, recusou-se a dar um depoimento para este livro, apesar de meus inúmeros pedidos.

Foi provavelmente o terceiro coquetel. Era difícil para Eduardo ter certeza, porque os três drinks se sucederam com tal velocidade — copos plásticos vazios agora se empilhavam como uma sanfona no parapeito da janela atrás dele — que ele não pudera ser preciso quanto ao momento da mudança. Mas não havia como negar, ele era a própria prova. O rubor delicioso e quente em suas bochechas normalmente amareladas; a forma relaxada, quase emborrachada, com que ele se recostava na janela — um contraste extremo em relação à sua habitual postura calcificada, quase encurvada; e, mais importante, o sorriso fácil em seu rosto, algo que ele praticara sem sucesso no espelho por duas horas antes de deixar seu quarto do alojamento naquela noite. Não havia dúvidas de que o álcool havia surtido efeito e Eduardo não tinha mais medo. Na pior das hipóteses, ele não estava mais se sentindo oprimido pela necessidade premente de *dar o fora dali*.

Certamente o salão à sua frente era intimidador: o imenso candelabro de cristais pendurado no teto arqueado de catedral; o grosso carpete vermelho que parecia sangrar das paredes de mogno real; a escada curvilínea que se bifurcava como uma serpente rumo às catacumbas ultrassecretas dos andares superiores. Até as cortinas atrás da cabeça de Eduardo pareciam traiçoeiras, iluminadas

por trás pela fúria bruxuleante de uma fogueira que consumia boa parte do pátio estreito lá fora, labaredas de chamas que lambiam o vidro antigo cheio de marcas do tempo.

Era um lugar assustador, especialmente para um garoto como Eduardo. Ele não era pobre — havia passado a maior parte de sua infância entre comunidades de classe média alta no Brasil e em Miami antes de se matricular em Harvard —, mas sentia que o tipo de opulência do Velho Mundo que a sala representava lhe era completamente estranha. Mesmo com o álcool, Eduardo perceberia suas inseguranças remoendo as profundezas de seu estômago. Ele se imaginou mais uma vez como um calouro, pisando pela primeira vez o pátio de Harvard, pensando o que diabos estava fazendo ali e como poderia fazer parte de um lugar como aquele. *Como ele poderia fazer parte de um lugar como aquele?*

Ele se inclinou na soleira, analisando a multidão de jovens que enchiam a maior parte daquele salão cavernoso. Uma turba, de verdade, que se amontoava ao redor dos bares improvisados que haviam sido instalados especialmente para aquele evento. Os próprios bares eram muito malfeitos — mesas de madeira que não passavam de meras tábuas, completamente fora de sintonia em um ambiente tão austero —, mas ninguém sequer notava, pois eles eram coordenados pelas únicas garotas no lugar; loiras peitudas parecidas umas com as outras vestindo tops pretos e curtos, trazidas de alguma faculdade local só para mulheres a fim de atender aquele bando de garotos.

O bando era, de muitas formas, mais assustador que o local. Eduardo não poderia dizer com certeza, mas achava que havia cerca de duas centenas deles — todos homens, todos vestidos com ternos escuros parecidos. A maior parte era do segundo ano; uma mistura de todas as raças, mas havia algo muito comum em todos os rostos — os sorrisos pareciam muito mais seguros do que o de Eduardo, havia confiança naqueles duzentos pares de olhos —, eles não estavam acostumados a serem postos à prova. *Eles eram dali*. Para a maioria deles, essa festa — e esse lugar — era só uma formalidade.

Eduardo respirou fundo, e fez uma leve careta ao inalar o ar poluído. As cinzas da fogueira lá fora aos poucos atravessavam as cortinas, mas ele sequer se moveu de onde estava, pelo menos não por enquanto. Ainda não estava pronto.

Em vez disso, dirigiu sua atenção para um grupo de ternos ao seu redor — quatro garotos de porte médio. Não os reconheceu de nenhuma de suas aulas; dois deles eram loiros e com cara de calouros, como se tivessem acabado de saltar de um trem vindo de Connecticut. O terceiro era oriental e parecia um pouco mais velho, mas era difícil dizer com certeza. O quarto, contudo — afro-americano e aparentemente muito educado, do sorriso ao cabelo perfeitamente aparado —, era certamente veterano.

Eduardo sentiu suas costas se enrijecerem e olhou para a gravata do garoto negro. A cor do material era a certeza de que Eduardo precisava. O garoto era veterano e agora era a hora de ele fazer o que tinha de fazer.

Endireitou seus ombros e descolou-se da janela. Acenou para os garotos de Connecticut e para o asiático, mas sua atenção permanecia concentrada no mais velho — e em sua gravata preta, com estampas tão peculiares.

— Eduardo Saverin — apresentou-se, apertando a mão do garoto com força —, prazer em conhecê-lo.

Ele respondeu com seu próprio nome, Darron alguma coisa, que Eduardo arquivou em sua memória. O nome dele pouco importava; sua gravata já havia lhe contado tudo o que precisava saber. O propósito de toda essa noite resumia-se nos pequenos pássaros brancos que salpicavam o tecido preto. A gravata o apresentava como sendo integrante do Phoenix K-S; ele era um das duas dezenas de anfitriões que estavam espalhados entre os duzentos alunos de segundo ano.

— Saverin. Do fundo de hedge,* certo?

Eduardo corou, mas por dentro ele estava excitadíssimo com o fato de que um Phoenix o reconhecia pelo nome. Havia algum exagero — ele não tinha um fundo de hedge, só conseguiu ganhar algum dinheiro em uma aplicação que fez com o irmão no segundo verão na universidade —, mas não iria corrigir Darron. Se os integrantes do Phoenix falavam sobre ele, se de alguma forma ficaram impressionados com o que ouviram — bem, talvez ele tivesse alguma chance.

Era um pensamento excitante, e seu coração começou a bater mais forte enquanto ele tentava tirar onda na medida certa para manter o veterano

*Fundo de investimento de alto risco que, ao trabalhar em diversas frentes ao mesmo tempo, exige poucos investidores com muito dinheiro disponível. (*N. do T.*)

interessado. Mais do que qualquer prova que ele tivesse feito em seus dois primeiros anos, esse momento poderia definir seu futuro. Eduardo sabia que poderia significar seu ingresso no Phoenix — garantindo seu status social nos últimos dois anos de faculdade, e também seu futuro, fosse qual fosse o futuro escolhido.

Como as sociedades secretas de Yale que ganharam tanta cobertura da imprensa nos últimos anos, os Clubes Finais* eram a alma pouco secreta do campus de Harvard; instalados em mansões com séculos de idade que se espalhavam por Cambridge, os oito clubes só para homens alimentaram gerações de líderes mundiais, conglomerados financeiros e corretores poderosos. Talvez tão importante quanto isso, ser membro de um desses oito clubes garantia uma identidade social instantânea; e cada clube tinha uma personalidade diferente — do ultraexclusivo Porcellian, o clube mais velho no campus, cujos integrantes tinham sobrenomes como Roosevelt e Rockefeller, ao recente Fly Club, que já havia feito dois presidentes e um punhado de bilionários —, cada um deles com seu próprio, distinto e instantaneamente reconhecido poder. O Phoenix, por sua vez, não era o mais prestigioso deles, mas de muitas formas era o point mais concorrido do pedaço; o prédio austero no número 323 da Mt. Auburn Street era o destino preferido nas sextas e nos sábados, e se você fosse integrante do Phoenix, não apenas fazia parte de uma rede com mais de um século de existência, como também tinha de passar seus dias úteis nas melhores festas do campus, cercado pelas maiores gatas selecionadas a dedo de faculdades de toda a área de código postal 02138.

— Na verdade, o fundo é um hobby — Eduardo confessou, humildemente, enquanto o pequeno grupo de ternos dava atenção às suas palavras. Nosso foco é o mercado de futuros. Sabe, eu fiquei meio obcecado com o clima e pude prever alguns furacões que passaram batidos pelo mercado.

Eduardo sabia que estava andando na corda bamba, lutando para que sua “nerdice” fosse minimamente aplacada pelo fato de ele ter acertado o

* Em Harvard, os Final Clubs são o último estágio na formação do graduando, que antes de entrar em uma dessas casas, passou pelo “freshmen club” (o clube dos novatos) e pelo “waiting club” (o clube de espera). São treze Clubes Finais naquele campus, sendo oito para alunos (A.D., Delphic, Fox, Owl, Fly, Spee, Phoenix-SK e o Porcellian, ou “Porc”) e cinco para alunas (La Vie, Sabliere Society, Bee, Isis e Pleiades Society). (*N. do T.*)

resultado do mercado de petróleo; ele sabia que o Phoenix queria saber dos 300 mil dólares que ele havia ganhado ao negociar petróleo, não da obsessão nerd por meteorologia que tornara o negócio possível. Mas Eduardo também queria tirar sua onda, já que a menção que Darron fizera ao “fundo de hedge” apenas confirmava o que ele já suspeitava — que o único motivo para ele estar naquela festa era sua reputação de homem de negócios em ascensão.

Diabos, ele sabia que não tinha muito mais do que isso. Não era um atleta, não vinha de uma família tradicional e certamente não estava no centro social das atenções. Ele era desajeitado, os braços longos demais para o tamanho de seu corpo, e só ficava calmo quando bebia. Mesmo assim, ele estava lá, naquele lugar. Com um ano de atraso — a maior parte das pessoas era “físgada” durante o outono do segundo ano, não do terceiro, como Eduardo —, mas ainda assim ele estava lá.

Todo o processo de ser “físgado” o pegou de surpresa. Apenas duas noites antes, ele estava em sua mesa trabalhando num artigo de vinte páginas sobre uma tribo bizarra da floresta amazônica, quando um convite apareceu debaixo de sua porta. Não era nada parecido com um bilhete dourado de um conto de fadas — dos duzentos e tantos alunos do segundo ano que tinham sido convidados para essa festa, apenas vinte e poucos seriam admitidos como membros do Phoenix —, mas o momento foi tão excitante para Eduardo como quando ele recebera a carta de admissão em Harvard. Ele esperava havia tanto tempo para ter uma chance em qualquer um dos clubes desde que chegara lá, e agora, finalmente, tinha sua chance.

Agora só dependia dele — e, claro, dos rapazes que usavam gravatas pretas com pequenos pássaros estampados. Cada um desses eventos de admissão — como a festa de apresentação de hoje à noite — era uma espécie de dinâmica de grupo em grande escala. Depois que Eduardo e o resto dos convidados fossem mandados embora para seus lares em alojamentos espalhados pelo campus, os integrantes do Phoenix se reuniriam em um dos quartos secretos dos andares de cima para decidir seus destinos. Após cada evento, uma porcentagem cada vez menor dos convidados seria chamada para o próximo — e, aos poucos, os duzentos virariam vinte.

Se Eduardo conseguisse, isso mudaria sua vida. E se essa conquista lhe custara certa “elaboração” criativa em um verão gasto em análises das mu-

danças barométricas e previsões sobre como essas mudanças afetariam os padrões de distribuição do petróleo — bem, Eduardo dispunha de um pouco de criatividade aplicada.

— O segredo é descobrir como transformar 300 mil em 3 milhões — Eduardo riu —, mas essa é a graça dos fundos de hedge. Você tem que ser muito criativo.

Ele tirou sua onda com o maior entusiasmo possível, levando o grupo de paletós consigo. Havia treinado essas qualidades em inúmeras festas nos dois primeiros anos de faculdade; e o segredo era esquecer que não era mais um treino — agora era pra valer. Na sua cabeça, ele tentou fingir que estava numa daquelas festas menos importantes de outros dias, quando não estava sendo julgado nem tentava garantir sua vaga em uma lista seleta. Ele podia se lembrar de um evento em que ele tinha se dado especialmente bem; uma festa de tema caribenho, com palmeiras de mentira e areia no chão. Ele tentou voltar para aquele lugar — lembrando os detalhes menos importantes da decoração, lembrando como a conversa fluíra de forma simples e fácil. Em poucos minutos estava ainda mais relaxado, deixando-se envolver por sua história, pelo som da própria voz.

Ele estava de volta à festa caribenha, em todos os detalhes. Lembrava como o reggae ressoava nas paredes, o som da bateria ferindo seus ouvidos. Lembrava-se do gosto do ponche de rum, das garotas de biquíni florido.

Lembrou até do garoto de cabelo enroladinho que estava no canto da sala, a poucos metros de onde ele encontrava-se agora, observando seu avanço, tentando arrumar coragem para aproveitar sua deixa e aproximar-se de um dos veteranos do Phoenix antes que fosse tarde demais. Mas o garoto nunca saiu de seu canto; na verdade, sua capacidade para se sabotar era tão palpável, que parecia agir como um campo de força, criando uma área ao seu redor que funcionava como um magnetismo às avessas, que fazia com que ninguém sequer passasse perto dele.

Eduardo sentiu certa pena na hora — porque ele havia reconhecido o tal garoto de cabelo enroladinho, e porque não havia jeito de aquele cara entrar no Phoenix. Um garoto como ele não tinha como se dar bem em nenhum dos Clubes Finais — sabe Deus que diabos ele estava fazendo naquela festa. Harvard tem inúmeros nichos para garotos desse tipo; laboratórios de computação, clubes de xadrez, dúzias de organizações *underground* e provedo-

res de hobbies para qualquer tipo de interesse social imaginável. Bastou um relance para Eduardo perceber que, obviamente, aquele garoto sequer sabia como funcionava a rede de relacionamentos sociais que se deve criar para chegar a um clube como o Phoenix.

Mas naquela hora, como agora, Eduardo estava muito ocupado atrás de seu sonho para perder tempo pensando em um garoto esquisito no canto da sala.

Certamente, ele não tinha como saber, nem antes nem então, que aquele garoto com o cabelo enroladinho viraria do avesso todo o conceito de rede de relacionamentos sociais — que um dia aquele garoto com o cabelo enroladinho que tentava entrar nas primeiras festas da faculdade mudaria mais a vida de Eduardo que qualquer Clube Final.